



Welison Gregório de Sousa Silva

ENTREVISTA E002 — MANDADOR DO REISADO

Entrevistado(a): Welison Gregório de Sousa Silva

Função no Reisado: Mandador

Idade: Não informada

Comunidade/localidade: Boa Hora-PI; nasceu em Teresina e reside em Boa Hora desde 2011

Data da entrevista: 11/02/2026

Local da entrevista: Casa da avó do entrevistado

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira

Forma de registro: áudio e vídeo.

Duração: 35 minutos

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve: A fala aborda a vivência de Welison como mandador, sua ligação familiar com o Reisado, o sentido das promessas, a centralidade da fé, o simbolismo do boi e a importância da juventude na continuidade da tradição.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Fique à vontade, porque aqui é só mesmo para nós. É uma conversa. É uma conversa, informal. Não se preocupe não, aqui é para... Estou fazendo um mestrado profissional na UESP, é um mestrado em Ensino de História, e meu objeto de pesquisa é o Reisado de Boa Hora. Reisado enquanto cultura, enquanto religiosidade popular, enquanto cultura popular, é mais nesse sentido mesmo o nosso reisado. O Reisado de Boa Hora, diferentemente de outros reisados do Brasil, ele é muito apegado à religiosidade. Então a gente vai conversar com as pessoas que trabalham com o reisado, que pagam promessas. Além de você, tem outras pessoas que estão interagindo também para dar essa visão de dentro. De dentro do reisado para fora. Para a gente ver... Para fora, acho que é mais importante que seja a pessoa de dentro que esteja vivendo, que nasceu, que trabalha, para estar colocando.

Wellison - E acompanhando aquele percurso, né? Isso.

Lenildo - Então eu vou... Tem uma série de perguntas aqui, umas 10 a 20 perguntas aqui. Vou fazer e você vai... Fique à vontade para você falar o que você acha, o que você sente. Não tem negócio de certo e errado aqui. Então assim, o... Você, o Wellison, nasceu e se criou aqui na Boa Hora? Você é de Boa Hora?

Wellison - Não, eu não sou natural da Boa Hora, mas eu nasci em Teresina. Mas meu avô, meu bisavô são daqui de Boa Hora. E a gente sempre vinha. A gente veio para morar aqui em 2011, né? Mas eu criança, a minha avó sempre trazia a gente para a casa do pai dela, que é meu bisavô, para acompanhar o reisado, né? E eu lembro que quando eu criança, vindo de Teresina, chorava para não ficar em casa. Mesmo que fosse para dormir, mas tinha





que estar ali naquela companhia do reisado, naquela época. E o velho reclamava: “esses meninos só vão para dormir”. Mas a gente cresceu nesse ritmo, né? Em 2011 eu vim morar aqui, aí foi onde a raiz realmente pegou.

Lenildo - Então eu queria que você já disse que já tem esse contato com Boa Hora, com o reisado aqui vindo para cá. Eu queria que você se apresentasse. Você é o Wellison, você é o quê, faz o quê?

Wellison - Bom, eu sou o Wellison Gregório. Hoje a gente atua como Conselheiro Cultural da Cultura. Eu sou o mandador. Na área do reisado, eu sou o mandador. O que é o mandador, professor? Ele conta a história tanto do pagador da promessa quanto ele vai contar a história do reisado, de onde surgiu. Porque o reisado fala sobre o nascimento de Jesus. Então o mandador é isso. Ele fala várias coisas rimando. Dentro do contexto. Então dentro da cultura, eu sou o mandador.

Lenildo - A sua família sempre esteve ligada ao reisado e às promessas?

Wellison – Sempre, sempre. Desde criança que a gente acompanha o reisado. Sempre foi muito ligado, né? Tem um tio meu também que tira a promessa, minha mãe já tirou a promessa, minha avó também tem um ano para terminar de pagar. Mas o reisado da nossa família vem do pai da minha avó. Acho que antes de eu existir, eles já faziam essa peregrinação. E meu avô também, inclusive o nome é bem antigo, um dos primeiros, quase os primeiros reisados da família Loló, que era o Boi Rapazinho também, composto pelo meu avô, que eu chamo de pai. Era meu avô, que era o finado Chico Fulô. Aí ele também era careta, sabe? Então o reisado sempre esteve presente na minha família, de alguma forma, tanto por parte de avó como de avô.

Lenildo – Quando você percebeu que queria ser um mandador e não outro personagem do reisado?

Wellison – Rapaz, começou com o incentivo, né? A gente brincando em reisado, o reisado fora de época serve para quem tem aquele medo de se aflorar no reisado profissional. O reisado fora de época serve como uma base. E aí aquela brincadeira vem e eu comecei. Aí um tio meu disse assim: “rapaz, já tá na hora de tu tentar entrar no reisado profissional”. Aí eu fiquei com medo, né? Será que eu vou aguentar? Porque numa brincadeira é uma coisa, num treino é uma coisa. Agora num reisado, pagando uma promessa é uma responsabilidade. E aí eu fui, deu tudo certo, Santo Reis me ajudou e aí eu tô hoje até aí.

Lenildo – E quem você considera que foi a pessoa que mais lhe influenciou nessa sua decisão?

Wellison – Foi meu bisavô, que já faleceu. Ele era mandador também, eu via muito. E aí eu acabei me apaixonando por aquilo, né? Com as palavras. E aí eu brincando, eu tinha aquele ritmo, né? Sabia levar aquele negócio, aí eu comecei a gostar e comecei a praticar até que eu fui no rumo, aí deu certo.





Lenildo – Reisado de boa hora tem promessa. Pra você, o que significa a promessa no reisado?

Wellison – A promessa significa você fazer e alcançar. Porque às vezes a gente tem assistido muito pagador de promessa já desenganado dos médicos. E pra quem tá de fora, acha que o boi, o reisado é uma folia. Mas não é. É um milagre realmente agraciado pelo pagador. Não é só eu dizer, eu vou pagar essa promessa. Ele tá pagando porque ele alcançou aquele milagre. Às vezes desenganado do médico, às vezes um problema muito sério de saúde alcança a cura e tira a promessa. Então o reisado, ele envolve a religiosidade porque ele mexe com a fé do povo de boa hora.

Lenildo – Então o reisado pra você, na sua opinião, o reisado entra primeiro como fé, como cultura ou como convivência?

Wellison – Eu acredito que de tudo um pouco. Mas eu acho que a fé fala mais alto. Porque, professor, você pagar uma promessa não é brincadeira. Realmente é ter um compromisso de verdade. É ter mesmo que pagar.

Lenildo – Por que você disse que não é brincadeira? É dispendioso?

Wellison – É porque é dispendioso. É questão financeira dos trabalhadores que tem que pagar que é muito caro. E você sai de porta em porta na expectativa de conseguir fazer o valor pra pagar seus trabalhadores. E se a fé não for muito alta pra fazer aquilo, às vezes não faz. Então a gente faz a promessa e paga ela nessa expectativa, tanto de agradecimento, mas também na expectativa de fazer o reisado e pagar os trabalhadores. Que é outra missão que é também um pouco complicada. Mas é abençoada também.

Lenildo – Você já falou aqui no início o que era um pouco ser mandador, mas aprofundando mais, o que é ser mandador no reisado de boa hora?

Wellison – Eu acho que ser mandador vai além de rimar. Ser mandador tem que ter a rima, que é importante, mas tem que falar também do momento. Do grupo que você está participando. Tem que contar a história pro povo saber. A história que aconteceu ali pra aquela pagadora ou aquele pagador estar realizando aquele reisado. O mandador é um instrumento fundamental, porque quem está ali em volta assistindo o grupo de reisado, vai escutar o que ele vai ditar na ladaça dele e vai entender o motivo do pagador estar pagando aquela promessa. Eu acho que o mandador tem essa peça fundamental dentro do reisado, explicar na forma de mandação pro povo que está assistindo o porquê de estar tirando aquela promessa.

Lenildo – Então, o mandador é um dos personagens. Qual é o momento que ele entra em ação?

Wellison – É o momento do boi. O momento que o boi vai dançar, ele levanta o boi, faz todo aquele gesto, leva o boi até o dono da casa, o boi deita, ele faz toda aquela cordialidade de





levantar o boi pra cima, porque simboliza que quando Jesus foi levar da cruz, ele cai ali e aí levanta. Então, tudo tem um simbolismo na mandação. Aquela parte que ele levanta e vem aqueles homens pra levantar porque tem um que levanta a cruz junto com Jesus. Então, significa isso. Então, tudo no reisado tem um significado. Até mesmo na mandação também tem um significado muito forte religiosamente. Por isso que eu acredito que a fé também toca mais. Então, o mandador é essa parte de mandar o boi levantar, de falar as ladaças, de fazer ali, a conduzir aquela dança. A dança mais esperada do reisado é a dança do boi.

Lenildo – Então, é assim, durante a peregrinação, tem a parte das cantadeiras, dos caretas, o sanfoneiro, cada um tem sua parte, mas do mandador, qual é a principal responsabilidade dele?

Wellison – A responsabilidade do mandador é o compromisso também de ir diante junto com o dono da promessa, né? Porque, como eu lhe disse, ele vai falar sobre a história da promessa, ele vai contar sobre o nascimento de Jesus, ele vai, o mandador vai contar também sobre ele mesmo, por exemplo, eu posso dizer assim, eu vim lá do Mato Seco, aí eu falo algo por cima dessa ladaça, por exemplo, eu gosto de dizer assim, agora eu vou dizer meu nome, que o padrinho botou na pia, que chamam o Hélió e o Gregório e o Cabral e o Igua Macia. Então, é uma ladaça que já já vem também. Então, fala do pagador, mas fala da gente também, fala de alguém importante, fala com o dono da casa. Então, é uma mistura, né? O mandador, ele conduz aquela dança, mas ele conduz com a maestria de falar e apresentar o reisado, e apresentar os caretas, e falar das cantadeiras também, né? É muito importante.

Lenildo – O mandador manda como? Esse nome, mandador, a gente fala assim, é o mandador de reisado. Então, ele manda o quê? Ele manda como? Pela palavra, pelo respeito, pela tradição, como é isso?

Wellison – O mandador, ele manda, porque ele levanta o boi de fama. É como ele ordena o que dá ordem pro boi.

Lenildo – Ele comanda a dança?

Wellison – Através dessa bengala, que a gente chama de bengala, a gente comanda o boi. Levanta o boi de fama, deita o boi, baixa a boca no capim, o boi tem que abaixar. Então, é como se a gente estivesse ditando o que o boi deveria fazer. Na hora que o mandador diz assim, eu vou chamar o careta novo, aí o boi vem, vai ter aquela brincadeira com o careta novo e tudo, pra ele derrubar o careta novo. Vai chamar o lampião, vou chamar o pai do povo. Então, o mandador, ele vai ditando. Por que o nome mandador? É porque ele vai mandando, dando a ordem pra acontecer a dança do boi.

Lenildo – Seus versos, você já falou que falam da promessa, que falam do dono da casa, eles falam do próprio mandador. Esses versos, eles são todos decorados ou tem muito improvisado?





Wellison – Ah, demais. Improvisado tem demais, porque eu não acredito, pode ser que tenha hoje, né? Mas eu não acredito que tenha um mandador que mande dentro de uma linha corretamente, do jeito que ele escreve num papel. Não existe. Acho que não existe. Porque é aquela energia daquele momento. Naquele momento, você vai criando, professor, palavras, você vai criando ditados e vai falando. Entendeu? Como bem aqui, nós temos o nosso vizinho aqui, que é o seu Zé Capão, aí eu digo assim, Ave Maria, meu Deus, ele, ele, lá, e lá se vem o Zé Capão, ele, ele, é um pagador de promessa, ele, ele, lá, que mora nessa região. Então, quando eu via ele, eu falava, entendeu? Então, a gente vai encaixando, aí tem outro que é assim, e capote e capada é boi, ele, ele, lá, e cupim de boi é leitão. Aí você imagina uma rimada dessa sendo na safada, que é mais rápido. Então, tudo tem que ser pensado antes e é bem complicado.

Lenildo – De onde vem os temas dos versos? Da comunidade, do cotidiano, de fé? Eu sei que de fé você já falou que fala da promessa. Às vezes fala da comunidade, cotidiano.

Wellison – Sim, a gente chega numa determinada localidade, por exemplo, a gente chega no Buriti do Ovo, ali, e aí a gente vai falar das pessoas que moram ali. É da hora, naquela energia é da hora. Se eu tô na casa, por exemplo, aqui, da Dona Maria do Ovo, que é uma grande recebedora de reisada, tô na casa da Maria do Ovo, aí eu, logo ali, faço uma rima, e eles gostam, o povo gosta disso aí, né? Então, é na energia do momento, do local, dependendo do local também, do momento, se você vê um conhecido que tá ali assistindo e tá gostando, e você vai, meu amigo, fulano de tal, tá aqui assistindo. Então, tudo isso entra dentro da mandação em forma de ritmo, de rimação. Você rima com aquela pessoa que tá ali assistindo, né? De alguma forma.

Lenildo – Quando o reisado chega no terreiro da casa, o que muda no seu papel? Porque tem a parte das cantadeiras que é na porta, a parte dos caretas é na sala, na varanda, na chegada ali, e a parte do mandador é no terreiro. Então, quando chega lá, o reisado chega no terreiro da casa, o que muda no seu papel?

Wellison – Quando chega no terreiro, a gente tem que já se alinhar ali. O boi, ele tá deitado, é como se você estivesse na porteira de uma cancela. Você vai com seus vaqueiros, pegar aquele gado, pra botar o gado pra dentro. Então, o boi tá deitado, você vai ali, você vai levantar o boi, também em ritmo canção, junto com a salfona, e vai naquela toada, naquela... Dependendo que tem várias, tem aquela que é mais antiga. Esse é o primeiro momento da dança. Aí o boi vem vindo, devagarzinho, manhoso. Vamos lá, meu boi de fama, fazer nossa obrigação, para ver se a gente alcança é Santos Reis do perdão. Aí o boi vem, deita nos pés do dono da casa. Aí começa o momento de dança. Aí eu vou deitar o boi. Ilustre, senhores meus... Vou apresentar o boi pro dono da casa, até essa parte. A gente apresenta o boi pro dono da casa. Ilustre, senhores meus, que o boi de fama chegou, todo laçado de fita e raminhado de fulor. Morre negro, bucou, mas meu garrote eu não dou. É toda uma apresentação que a gente faz pro dono da casa, até levantar o boi. Então, o que muda no papel? É porque, quando chega na parte da cantadeira, na porta, eu, falo por mim como mandador, eu vou ali, junto com os caretas, ajudar, bater palma, animar o reisado, né? Porque o reisado é animação, né? Então, quando chega a minha parte, já é uma parte de





responsabilidade minha, né? Aí eu vou conduzir o boi até o dono, fazer a apresentação, levantar o boi e fazer toda a dança.

Lenildo – Eu vi aqui que o papel do mandador tá muito ligado ao boi. O que que o boi, assim, tem algum significado, algum simbolismo do boi no reisado?

Wellison – Tem. O Ave Maria, quando a gente vê, a gente pega o simbolismo que é muito forte pro dono, a gente passa eu, digo por mim, a gente mesmo é que monta o boi, a gente monta o boi, o Seu Venança monta e a gente monta a cara. Eu mesmo monto a cara do boi daqui. A minha avó e eu fomos os que montamos. Porque é uma questão, assim, muito forte, uma ligação muito forte com a cultura de boa hora. E o boi, ele é um símbolo é o símbolo do reisado. Se não tiver o boi, não existe reisado. É um símbolo maior do nosso município. E quando você vai matar o boi, você vê que até quem tá ali que acompanhou, que não trabalhou, se emociona. Porque ali você tá se despedindo dele e só vai ver ele no próximo ano. E talvez nem isso.

Lenildo – É. A gente vê também que na hora da dança do boi, que o mandador tá no comando, tem a briga entre o boi e os caretas. O que significa? Como é que funciona essa briga?

Wellison – Essa briga, ela já é uma tradição boarense, né? Os mais velhos, eles sabem especificar alguns caretas mais antigas, eles sabem especificar melhor, como Chicambrósio, eles sabem especificar o motivo real. Mas é uma tradição mesmo que já vem bem antiga, que o boi brincar, derrubar aquele careta e tudo. Né? Já vem mesmo bem... É uma tradição mesmo bem antiga.

Lenildo – O que significa pra você dizer que o reisado de boa hora é reisado de promessa?

Wellison – É a graça que é alcançada. É a graça que é alcançada.

Lenildo – O que é a promessa, diga aí? Como é que se faz uma promessa?

Wellison – É tipo assim, vou dar especificações, minha avó, ela teve um problema, né? Ela acordou escarrando sangue, a gente ficou preocupado, levamos ela no médico, e o médico, sem saber aquilo, o que dizer, o que era, aí criou aquele medo, porque você acordar, você ir dormir, bom de saúde, acordar vomitando sangue, vocês se preocupam que é alguma coisa séria, né? E aí a gente ficou naquela coisa e com medo, né? Porque quem aqui não tem medo de perder alguém, né? E ela se apegou com o santo reis e pediu que nos exame não desse nada de grave, e pelo a forma que ela fez, se ela vomitou, não tinha como não ser grave, né? Não tinha como, e aí graças a Deus, porque quem cura primeiramente é Deus, através da intercessão do santo, né? E ela nos exames deu só que eram os vasos que tinha rompido, mas que tinha como consertar, né? Os vasos, e aí pra mim isso é o motivo da promessa. Outras pessoas já, por exemplo ali você leva de exemplo, a promessa ali da





professora Conceição Canuto, né? O Fidel tinha problema que ele dava epilepsia, e aí ela fez a promessa pra criança parar, que você sabe que é uma condição muito difícil, né? Porque quem tem sempre tem a vida inteira, e aí ele parou de ter e ela pagou a promessa. Então isso é a fé e a promessa que é o que faz manter vivo o reisado dentro de nós Boahorense. Aí, se você pode observar, professor, que o reisado ele não, ele ultrapassa as fronteiras religiosas, porque vai de ao evangélico, ao católico, ao budista, todo mundo gosta do reisado. Se você parar pra pensar a boa hora em si, a cidade de boa hora, ela para, para assistir a cultura do reisado. Então, é por isso que eu digo que move muito, é muita emoção, é muita fé.

Lenildo – Todo grupo de reisado tem promessa? Todo mundo vai tirar o reisado porque tá pagando uma promessa? Ou tem reisado que não é promessa?

Wellison – Aí é uma pergunta meio complicada, mas eu acredito dentro das bases morais que pra pessoa pagar uma promessa porque reisado não é barato, pra pessoa dizer assim, eu vou tirar o reisado porque eu quero tirar, só por tirar mesmo eu acho que não tem não. Porque realmente tem que ser promessa mesmo.

Lenildo – Nós estamos falando aqui da parte religiosa, você já falou que é muito séria e tal, acredito também que sim, mas tem uma parte do reisado que é brincadeira também, diversão, tem esse equilíbrio entre a fé, mas também tem aquele momento ali que o careta brinca, que uma ou duas vezes brinca ali também.

Wellison – Tem, tem sim. Muita religiosidade, mas tem o momento, inclusive tem o butiquim também, que os meninos gostam, pra quem gosta. Então tem sim um momento de brincar, mas tudo dentro da parcialidade, do pacífico. Tudo dentro dos seus limites, porque o real motivo ali é estar pagando uma promessa. Então requer uma responsabilidade de quem está trabalhando e de quem está ali organizando o grupo de tomar essa cautela.

Lenildo – O que não pode faltar em uma mandação? Você disse aqui da variante que fala da promessa, mas tipo assim, o que não pode faltar numa mandação? Tem que ter, tem que falar.

Wellison – O que não pode faltar numa mandação é convidar o dono da casa pra morte do boi. Essa não pode faltar. Não, pode não. Se o mandador esquecer de convidar pra morte do boi, aí tem que ver porque o negócio é sério, porque é uma tradição. Aí pega o boi, depois que brincou com os caretas, se despede ali do dono e diz assim, se despeça da patroa, se despeça do patrão. Às vezes eu gosto de brincar, tem alguma pessoa com o telefone na mão, se despeça da menina que tá com o celular na mão. Pessoal achava graça, né? Agora eu vou fazer um convite, que eu gosto de convidar. Para uma festa de reis, que se vai se realizar. E no dia 6 de janeiro, que meu boi de fama, eu vou matar. Aí a pessoa diz, se a pessoa estiver trabalhando no Mato Seco, pela fazenda Mato Seco, o senhor me apareça lá. Tem um almoço, tem uma janta, tem uma rede para balançar, tem uma roda de menino para o padre batizar.

Lenildo – E esse convite é de verdade ou é só de brincadeira?





Wellison – É de verdade! É de verdade, porque no dia 6 você mata o boi. E aí você tem o dono da promessa, vou explicar aqui rapidinho, na minha opinião, a gente passa 6 noites pagando a promessa, e no final da promessa, além da pagadora ou do pagador pagar os trabalhadores, ele ainda vai fazer um banquete. E esse banquete é ofertado à comunidade e as pessoas que a gente vai sair em comunidade convidando, vem e usufrui desse banquete. Então é um retorno. É como se fosse um retorno. Eu andei na sua casa, mas eu estou lhe convidando para ir no final da peregrinação e ir para a minha. Eu vou fazer um banquete para todo mundo se servir. Então acho que é um retorno

Lenildo – Você falou aí na morte do boi. O que é a morte do boi?

Wellison – A morte do boi é simbolizando, porque tem gente que faz promessa de três anos. Os mais velhos dizem que não pode fazer de um ano. Ou é de três anos, porque são três santos, ou é sete anos. O que é a morte do boi? Você tirou seu primeiro ano aqui. Você vai matar o boi. Ali você finalizou um ano de promessa pago. Tem um ano ali, seu já está pago. Faltam mais dois. Então tem que ter a morte do boi. Porque o boi não pode ficar vivo. O boi renasce lá na igreja de Santos Reis com a bênção dos bois. Ali é como se fosse um renascimento daqueles bois que foram mortos. Isso. Eles estão renascendo para uma nova missão. Para uma nova peregrinação. E dia 6, a morte do boi.

Lenildo – No dia da morte do boi é o que encerra a peregrinação. O que você sente ao comandar esse encerramento?

Wellison – Gratidão, professor. A gente se emociona, tem gente que chora, porque o reisado envolve muito a nossa ancestralidade familiar. Você falar do reisado, você vai falar do seu tataravô, você vai falar da sua família conjugal que participou dessa festividade há anos atrás. Então é uma coisa que já vem de tradição, já vem de geração por geração. Você vai falar da sua geração passada, geração dos seus avós, dos seus bisavós. Então é muito forte. É o que faz a boa hora ser diferente. É essa tradição arretada do reisado.

Lenildo – Você é visto como um dos destaques da nova geração de mandadores. Como é que você vê isso?

Wellison – Rapaz, eu tenho muito mandador bom aí, muito mandador. E eu acredito que a gente que já está no ramo tenha que incentivar cada vez mais os mais novos, porque a gente é uma geração de pessoas, e geração ela se passa. Mas a cultura tem que continuar viva. Então, para a cultura continuar viva, é importante que a gente incentive os mais novos a continuar. Quando eu vejo uma pessoa que eu vejo e eu digo, eu não sei de tudo, mas o que eu sei eu posso lhe mostrar. Então acho que é sempre humilde. Se você carregar humildade, onde você for, você entra em qualquer lugar. Com humildade, com a verdade.

Então assim, eu acho que nós como mandador, o que está acontecendo também muito no reisado hoje em dia é isso. É porque às vezes o ego sobe muito, e a pessoa acha que sabe de tudo. Não, não é assim. A gente tem sempre que ser uma xícara vazia, que é pra gente saber acolher coisas novas. E quando eu vejo uma pessoa que está iniciando, eu sempre dou força. Vai em frente. É isso assim que começa. Eu comecei dessa forma.





Lenildo – O que que você acha que as mandações, os mandadores de hoje, eles já mudaram muito a forma de mandar, ou continuam muito parecidos com o que era tradicional raiz? Tem algumas mudanças?

Wellison – Não, não tem nem como dizer, porque a tradicional raiz é raiz. E hoje tem muita coisa diferente, tem muita atualidade. Você vê que o reisado se modernizou. Se enraizou de uma forma. E o mundo também foi crescendo, as pessoas foram evoluindo. Aí você pega a mistura também de outras... O sanfoneiro, vou dar um exemplo aqui, professor. Pega um baião do lado do Luís Gonzaga. Aí ele já cria, puxa um pouco do reisado. Então já pega, fugindo um pouco, mas ao mesmo tempo acrescentando dentro da tradição. Modernizou muita coisa, tem muita música bonita, nova. Mas o reisado velho, poucas pessoas... têm música de careta que ninguém conhece, muita gente. Só o mais velho mesmo conhece.

Lenildo – Já houve alguma resistência por você ser jovem? Alguém disse não?

Wellison – Já. Inclusive até mesmo nas articulações de questão de... Até mesmo no nosso festival de reisado. Por você ser novo, às vezes você empata com o mais velho e você perde. Isso aí é uma coisa normal, por idade. Você desempata ali por a questão de idade, tudo bem. Mas já teve resistência. Você é novo, você não aguenta. Você não aguenta trabalhar. Mas eu acho que você indo com fé, com devoção, com determinação de ajudar. Porque o que vai lhe pagar de verdade, além do que você já está certo, é a sua fé de você ajudar aquele pagador de promessa.

Lenildo – Como você acha que a juventude reage hoje ao reisado na boa hora?

Wellison – Rapaz ... O jovem ama o reisado. Como eu estou lhe dizendo, ele ultrapassa barreiras religiosas. Ele já é o amor do povo de boa hora. Todo mundo corre pra ver o boi. O reisado está lá no Remédio. O pessoal vai de moto. Tem gente que vai de bicicleta. Você acredita? Só pra assistir o reisado. Porque pra nós que somos daqui da Boa Hora, é a data mais esperada. Tem gente que já fica ansioso. Daí em novembro, o povo já está todo ansioso pra que comece logo o reisado. Então o jovem... Eu já fui, quando eu era mais novo, eu ia mesmo atrás. Aí acabava o reisado, tinha o fora de época. Nós íamos também atrás. Porque eu acredito que o fora de época é tão fundamental quanto o profissional. Porque o fora de época é onde você desbrava novos talentos. É uma descoberta de novos caretas, de novos mandadores, de novas cantadeiras. Eu acho que o fora de época também é fundamental.

Lenildo – Você já falou aqui que o reisado ultrapassa os limites da religiosidade. Você se declara de alguma religião?

Wellison – Sim. Eu não sou católico, sou umbandista. Mas minha família é católica, mas mesmo assim, tenho meu amigo muito forte que é o padre Geraldo, somos muito amigos... Por isso quando eu falo que o reisado ultrapassa barreiras é isso, porque ele reúne, porque Deus é isso né, professor. Jesus ele é amor, e o reisado fala da história do nosso salvador, ele





fala da vida de Jesus. Porque na verdade todos nós estamos indo em um só caminho que é o da salvação, e só quem pode nos salvar é ele que é Jesus.

Lenildo – Você consegue ver na forma como se pratica o reisado, nas caretas, no mandador... você consegue ver alguns elementos dessa religiosidade de matriz africana? Por exemplo: “isso aqui veio dali”.

Wellison – A parte do desenho do boi, da cara. Você vê que são figuras que são colocadas ali, o coração ele tem o simbolismo, então se você pega, eu trabalho nessa parte, se você pega uma arte africana, uma tribal, uma tribal ela é feita originária de indígenas misturada com africanidade. Então tem essa mistura que é parte do simbolismo que é o formato, a forma que é feita a cara do boi.

Lenildo – Para você, o reisado é um patrimônio cultural imaterial?

Wellison – É. Porque é uma cultura muito antiga dentro de Boa Hora, a gente não deve contar com os anos de festival. E atrás? E os nossos antepassados, e a geração passada fica onde?

Lenildo – O que você acha que precisa ser preservado no reisado para que ele não perca o sentido?

Wellison – Incentivo! Incentivar os mais jovens a... É o que a Casa de Cultura faz. Eu tenho orgulho de dizer que faço parte da casa de cultura hoje através do meu amigo Dr. Caio Resende que é um *Grande* colaborador da nossa cultura de Boa Hora. É... incentivando jovens a conhecer a cultura de Boa Hora. A se entrelaçar na cultura do reisado, a sentir na pele o que é ser um careta, o que ser um dançador de boi, ser uma cantadeira, um sanfoneiro, um mandador.

Lenildo – Você acha que o reisado deve ser estudado nas escolas?

Wellison – Com certeza! Inclusive, acho que já era para ter acontecido, porque querendo ou não querendo, o reisado faz parte da história do nosso município. E ele já deveria estar sendo mostrado dentro das salas de aula. Acho que é mais do que importante que isso acontecesse, iria ser um ganho enorme para a cultura e para a história do nosso município.

Lenildo – Que cuidados a escola precisaria ter para não desrespeitar a fé e o ritual?

Wellison – Não levar o reisado como parte só religiosa, mas sim levar o reisado como uma cultura que é viva dentro do nosso município e que também ajuda girar o desenvolvimento no município naquele período de tempo. Acho que deveria levar não só como religiosidade, mas sim como história, como patrimônio cultural.





Lenildo – Você acha que existe a possibilidade de os alunos aprenderem história com o reisado?

Wellison – Com certeza! E até mesmo, não adianta a gente negar isso, há um preconceito com o reisado dentro de Boa Hora, nem todo mundo pensa igual. Então quebraria mais esse paradigma. Porque é a história do nosso município, o nosso município foi construído, é conhecido nacionalmente através do reisado.

Lenildo – Wellison a gente quer agradecer suas riquíssimas contribuições, informações. Vou deixar você a vontade, se você quiser acrescentar mais alguma coisa pra gente...

Wellison – Assim, professor, eu sou novo, ouvi algumas história sobre o reisado, existem pessoas mais velhas que devem ter mais conhecimento sobre o reisado, mas o pouco que eu sei eu tentei repassar aqui.

